

## HUMANIDADES E SAÍDAS PROFISSIONAIS

*Joaquim Ramos de Carvalho*

Sobre o autor: Joaquim Ramos de Carvalho é professor do Grupo de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A sua actividade académica e profissional tem de dividido pelas seguintes áreas principais:

- Coordenou a produção de produtos multimedia com conteúdos ligados à História e património, nomeadamente CD-ROMs distribuídos em jornais de grande circulação e jogos de computador;
- Coordena um grupo temático na maior rede de excelência do sexto programa quadro na area das humanidades, a CLIOHRES.net.
- Participa em vários projectos ligados à criação do Espaço Europeu de Ensino Superior, nomeadamente as várias fases do projecto Tuning na Europa e America Latina, a rede temática de História CLIOHnet e exerce funções de conselheiro ECTS.
- Coordena o mestrado europeu EUROMACHS em “Património Europeu, Multimédia e Sociedade de Informação”, com as universidade de Colónia, Turku e Lecce, um programa financiado pela Comissão Europeia dirigido à formação de gestores e produtores de conteúdos digitais oriundos das Humanidades.

Esta intervenção tem por objectivo apresentar uma visão das saídas profissionais na área das Humanidades. Essa visão será, espero, um pouco menos simplista do que normalmente se ouve ou se lê.

A minha área não é a das Línguas e Literaturas, mas sim a da História. Mas muito do que aprendi sobre saídas profissionais dessa área aplica-se às Humanidades em geral.

Vou apresentar sobre este assunto três perspectivas distintas:

1. A primeira baseia-se em estudos sobre a empregabilidade dos licenciados. Não temos dados muito actualizados, mas sabemos que em 2001 um estudo bastante completo dava uma imagem positiva da competitividade dos licenciados em Humanidades no mercado de trabalho. Outros dados mais recentes indicam uma evolução negativa, mas em contextos muito específicos. Existem factores positivos e negativos, que devem ser analisados e ponderados.

2. A segunda perspectiva baseia-se noutra vertente mais difícil de quantificar, mas essencial: existem novas formas de consumo dos saberes ligados às Humanidades no mundo de hoje. Essas formas decorrem, por sua vez, de novos tipos de necessidades sociais que emergem numa sociedade globalizada, onde a informação se dissemina cada vez mais rapidamente. Trata-se de fenómenos emergentes que ainda não cristalizaram em perfis de emprego: nem sempre o mercado de trabalho exprime linearmente as necessidades sociais. Mas é precisamente quando isso acontece que ocorrem oportunidades interessantes para pessoas com iniciativa e visão.

3. A terceira perspectiva diz respeito às estratégias a seguir quer pelas instituições de ensino superior quer pelos estudantes e graduados. Estaremos todos a fazer o necessário, não propriamente para combater a suposta crise, mas para aproveitar as oportunidades emergentes?

Deleted:

Deleted: ?

De seguida elaborarei cada uma destas perspectivas.

### **Primeira perspectiva: a dimensão da crise.**

Quando se fala de saídas profissionais nas áreas das humanidades o sentimento geral é de crise. Aliás é a sensação de crise grave que alimenta a discussão. O mesmo se passa em relação às ciências ditas puras, como por exemplo a Física e a Matemática.

Contudo, o estudo elaborado pelo Observatório do Ensino Superior (ODES) em 2001, forneceu uma imagem muito positiva da inserção laboral dos licenciados, independentemente da área. Ao fim de 18 meses a taxa de desemprego dos licenciados era de 3,1% para os homens e 5,6% para as mulheres, agregando todas as áreas. Para as Artes e Humanidades a mesma percentagem de desempregados ao fim de 18 meses era de 3% para os homens e 6,5% para as mulheres. A diferença para os licenciados em engenharia ao fim do mesmo período é insignificante, uma vez que os valores são de 3,6% e 5,9%, para homens e mulheres respectivamente.

Um dos problemas com as estatísticas de emprego de recém-licenciados é que muitos consideram o período do estágio do ramo de formação educacional como um “emprego” e em muitas universidades essas pessoas são consideradas licenciadas. Assim por vezes os números no ano a seguir à licenciatura mostram muita gente empregada, embora saibamos que no ano seguinte dificilmente estão a trabalhar na mesma actividade.

Mas se olharmos para um período mais longo a seguir à graduação, continuamos a não detectar diferenças significativas para as outras áreas: ao fim de 66 meses a taxa de desemprego dos licenciados do sexo masculino em Artes e Humanidades era de 2,2 % contra 1,6 % na Engenharia; nas mulheres as taxas eram de 4,9% de desempregadas nas Humanidade contra 3,4% nas Engenharias. A diferença existe, mas é irrelevante.

Estes dados, contudo, são de 2001. Os relatórios mais recentes do Ministério do Trabalho indicam um aumento significativo das taxas de desemprego entre os professores do ensino pré-universitário, dos profissionais de educação em geral e dos funcionários

públicos qualificados, profissões que tradicionalmente absorviam uma parte significativa dos licenciados em Humanidades.

Esta tendência é o resultado provável de três tipos de factores: a evolução demográfica, que reduz a população escolar e por isso a necessidade de professores; a sobre-produção de potenciais professores pelo sistema universitário, que cria um contingente crescente de concorrentes a um número decrescente de lugares; o “emagrecimento” forçado da administração pública, fruto das políticas de contenção orçamental impostas pela zona Euro.

Estes três factores confluem na redução progressiva do mercado tradicional para os cursos de humanidades. Este factor é previsível já no estudo do ODES, se atendermos ao contexto de emprego dos licenciados. Apesar das taxas de emprego não variarem muito de área para área, factores como a dependência do emprego público ou, inversamente, da actividade empresarial, variam muito. A fraqueza das Humanidades reside na sua dependência do emprego público.

Podemos dizer por isso que as Humanidades estão a ser atingidas pela política de redução da administração pública. Não é inédito ouvir-se dizer que uma das consequências dos privilégios do funcionalismo público é a atracção das Humanidades e a fuga das Ciências e da Tecnologia: o aspirante a funcionário seguiria mais facilmente o curso de Humanidades, generalista e pouco exigente, do que formações mais difíceis e arriscadas mas mais úteis, porque acreditam que no funcionalismo público qualquer curso serve.

Devo dizer que os principais interessados em desmentir esta imagem, os licenciados em Humanidades, nem sempre conseguem evitar o raciocínio de considerar que “o Estado devia fazer qualquer coisa...”.

Aconteceu-me muitas vezes, ao fazer conferências sobre este tema, de ouvir, na parte do debate, alguém mais distraído perguntar se não deveria o Estado “criar mais empregos para os licenciados em áreas tão importantes para a sociedade”?

A resposta, quanto a mim, é não. A administração pública continuará a encolher e o Estado continuará sob pressão para conter as despesas. Apostar no Estado como empregador directo é como pedir para ser contratado por uma empresa falida.

A esperança para sair da crise está noutro lado: na sociedade civil e na capacidade das universidades e dos licenciados de se adaptarem aos desafios emergentes. O que nos leva à minha segunda perspectiva.

### **Segunda perspectiva: as Humanidades na sociedade de hoje.**

Gostava de introduzir uma provocação para ajudar a operar a mudança de perspectiva que me ocupo de seguida:

#### **nunca se fez tanto dinheiro com as Humanidades como agora**

Infelizmente não posso provar com números certos, por isso é uma provocação. Mas posso tentar fundamentar esta ideia aparentemente bizarra com seguinte:

1. Recordemos um dos dos maiores best-sellers dos últimos tempos: o código da Vinci. Em última análise é um policial, mas é óbvio que o fascínio da obra pouco tem a ver com as técnicas básicas de suspense e escrita que usa (até chega mesmo a indiciar o mordomo como culpado!) mas antes com o assunto em si: o misto de História, Religião, Arte e Semiótica que obviamente exerce um fascínio irresistível no público. Para o provar basta ver toda a indústria de sequelas, desmentidos, confirmações e aprofundamentos que emergiu à volta do Código da Vinci: é o assunto que interessa às pessoas não o proto-romancezinho platónico ou a mudança constante de cenário.

2. Este interesse não surgiu do nada. Tínhamos tido antes o Nome da Rosa. Filmes como o Cyrano de Bergerac, que se assumem como literatura, foram enormes êxitos internacionais. Recentemente o livro do ano no Reino Unido foi uma obra sobre

ortografia e pontuação: “Eats, Shoots and Leaves”, descrito como um thriller ortográfico. As Humanidades têm um papel enorme na televisão, sobretudo a História, mas também áreas gerais de cultura como o programa de Melvyn Bragg “The adventure of English” ou o podcast “In our time” da BBC. Os exemplos de conteúdos Humanísticos em jogos, sobretudo de computador, é muito significativo, com destaque para a História e Mitologia. Um produto como o jogo Age of Mythology gera muitos milhões de Euros. Mesmo um produto local, como o jogo Portugal 1111, vendido com a revista Visão em 2004, gerou 250.000 euros em duas semanas e teria gerado bastante mais se a procura que teve não tivesse sido tão inesperada que a oferta não conseguiu corresponder-lhe.

3. O investimento nas Humanidades e na Cultura pela União Europeia está a crescer. No sétimo programa quadro as Humanidades tem um tratamento especial e em 2007 o financiamento a projectos destas áreas irá aumentar significativamente. O recente relatório encomendado pela Comissão Europeia sobre “The Economy of Culture in Europe” chama a atenção para o facto, há muito tempo óbvio para alguns, que são os conteúdos que empurram a revolução tecnológica, e não a tecnologia em si. O relatório recomenda explicitamente novas formas de financiamento e novas ferramentas de incentivo que aproximem os produtores de conteúdos das tecnologias de informação e comunicação.

4. Nunca como agora as questões da diversidade, do multiculturalismo, do respeito pela diferença, estiveram no centro das preocupações políticas mundiais, continentais, nacionais e locais. É altura de recordar a missão para as Humanidades dada pelo professor da Faculdade de Letras de Coimbra, Miguel Baptista Pereira:

“

É necessário compreender o Homem na sua situação concreta e pluridimensional no mundo.

Essa compreensão passa pela comunicação crítica com o passado que o influencia.

É pela via da Ciência que se caminha para essa compreensão.

A via da Ciência é interdisciplinar. “

A razão pela qual as Humanidades geram tanto valor é dupla: por um lado a questão dos conteúdos é cada vez mais crucial, e dentro do sistema Universitário mundial a área que tem maior potencial para fornecer produtores de conteúdos é a que se designa por “Artes e Humanidades”. Em segundo lugar a questão do multiculturalismo tornou-se igualmente central. A área do saber que se ocupa da complexidade e diversidade humana e dos seus modos de expressão culturais é novamente a das Humanidades, juntamente com as Ciências Sociais.

O valor gerado pelas Humanidades advém destes factores que são estruturais e recentes. Mas como se trata de novas necessidades, o sistema académico e o mercado de trabalho ainda não reflectem estas novas realidades, nem na adaptação das formações, nem na criação de novos perfis nas estruturas de recursos humanos das entidades interessadas.

Os dois factores estão interligados porque o sistema académico é fortemente “seguidista” do mercado de trabalho, tendendo a adaptar as formações a formas específicas e concretas de actividade profissional, a “empregos” com nome, enquadramento legal e ordem profissional, se possível.

Por sua vez o mercado de trabalho adapta-se muito lentamente em termos formais, sobretudo em países como Portugal, onde o esforço regulador do Estado é muito importante e o risco de fornecer emprego elevado.

Mas o conservadorismo das instituições e estruturas não pode estancar o interesse social crescente pela cultura, nem o vazio de conteúdos criado pelo desenvolvimento tecnológico, nem, finalmente, o empenho político de alto-nível na agenda multicultural.

A saída para esta contradição estrutural está à vista: a capacidade de geração de valor das

Humanidades exprime-se por formas distintas da multiplicação de pedidos de emprego nos jornais. São sobretudo projectos virados para o consumo directo do público (como a produção de livros, séries, filmes ou jogos), ou projectos que respondem a fundos de investimento de origem comunitária (como os Programa Quadro, os financiamentos à produção de conteúdos) que geram a maior parte do valor.

Mas também existe um fenómeno paralelo relacionado com o mercado de trabalho e que reflecte a contradição de base que tenho estado a descrever: o sucesso de pessoas de Humanidades no mais variado leque de carreiras onde as suas competências naturais são cruciais: capacidade de expressão oral e escrita, a capacidade de lidar com informação complexa e contraditória, a capacidade de trabalhar em ambientes multiculturais e multi-linguísticos, a formação cultural de base, a famosa cultura geral, que não se pode, ao contrário de competências mais técnicas, aprender num curso de formação empresarial.

O que nos leva à minha última perspectiva e questão: se é certo que as pessoas de Humanidades possuem conhecimentos e competências crescentemente relevantes, e potencialmente lucrativas, será que a universidade, e os próprios estudantes, estão a fazer o necessário para enfrentarem estes desafios?

### **Terceira perspectiva: O papel da Universidade e dos Estudantes**

O que poderia fazer a Universidade no domínio da formação? A fórmula na verdade é conhecida há muito e tem sido repetida até à exaustão: a formação tem de incrementar o desenvolvimento de competências genéricas que catalisem os conhecimentos específicos e permitam a sua aplicação em situações diversas e inesperadas.

Na prática isto não é fácil de concretizar. Aqui ficam algumas sugestões:

#### *1. Uma pedagogia do projecto.*

Mais do que um ensino centrado na prática e na “participação” o que é necessário nos

dias de hoje é um ensino centrado em “projectos” em que os estudantes têm que resolver cooperativamente problemas progressivamente mais complexos. Um dos mais famosos exemplos desse tipo de ensino é a Universidade “experimental” de Roskilde, na Dinamarca. Mas existem exemplos mais perto de nós, sobretudo em áreas competitivas como a medicina. Nas engenharias e na Arquitectura existe obviamente uma antiga tradição do projecto, mas trata-se normalmente de trabalhos individuais que não desenvolvem necessariamente competências de colaboração, gestão e auto-avaliação.

## 2. Desenvolver as capacidades de expressão.

Nos dias que correm a capacidade de expressão não se pode confundir apenas com o domínio de alto-nível da língua, embora isso seja, obviamente, algo com um enorme valor em si.

Não é difícil encontrar pessoas que dominam bem a língua e produzem textos de grande qualidade mas que funcionam mal na comunicação diária ou são incapazes de gerir uma reunião.

Dentro da infinita variedade das formas de expressão humana, as pessoas tendem a desenvolver capacidades em produzir discursos específicos que lhes fornecem vantagens em determinadas situações. O texto bem escrito, a comunicação oral bem feita sempre tiveram um elevado valor em todo o tipo de situações profissionais.

Num mundo orientado a projectos de horizontes multiculturais, em que é preciso produzir um fluxo contínuo de mensagens sobre matérias complexas num grande número de contextos diversos, colocam-se solicitações novas às capacidades comunicativas dos profissionais de alto-nível.

A universidade tem de estar atenta a isto, na certeza de que só se aprende a comunicar comunicando, devendo fornecer por isso contextos em que as novas competências possam evoluir. Uma área que actualmente me interessa diz respeito à disponibilização

aos estudantes de ferramentas electrónicas de colaboração que passem para além do email e das mailings lists unidireccionais.

Os estudantes devem ter ao seu dispor instrumentos para criar forums, wikis e blogs, ou seja, instrumentos de construção cooperativa de conteúdos. Estes instrumentos hoje passaram da esfera da criação artística ou literária para a esfera da gestão e cooperação. Isso deve-se ao facto de a gestão ser cada vez mais dependente da criação de conteúdos e da gestão da cooperação.

Nos níveis mais avançados os estudantes devem mesmo ter acesso a ferramentas de gestão de projectos e de equipas, que possam estimular as suas capacidades organizativas e aumentar a complexidade dos problemas com que podem lidar.

### 3. Gestão de processos

É óbvio que para essas competências serem desenvolvidas e as ferramentas utilizadas os estudantes devem ser levados a enfrentar problemas significativos, que exijam cooperação, divisão de tarefas e coordenação.

Devem também ser ensinados a raciocinar por objectivos e a balancearem recursos como tempo, equipamento e informação disponível na realização desses objectivos. Devem ser estimulados a negociar as condições do seu trabalho e as formas da sua avaliação.

É comum em cursos de engenharia existirem módulos ou cadeiras dedicadas aos princípios básicos de gestão, no sentido de gestão empresarial, e de gestão de projectos. Não há nenhuma razão para os cursos de Humanidades não investirem nessas competências. Pelas causas descritas acima, existem mesmo razões especialmente fortes para que o façam agora.

Conclusão: o que faz o valor de uma pessoa?

Eu tenho o privilégio de na minha vida profissional estar envolvido num número elevado de projectos, alguns deles de âmbito internacional. Muitas vezes tenho que decidir, nas fases iniciais desses projectos, quais os colaboradores a associar. Existem obviamente tipos de tarefas diferentes, desde uma simples recolha de dados num projecto científico à gestão da comunicação entre dezenas de pessoas de uma dúzia de países diferentes. De uma maneira ou outra “dei emprego” ou “promovi funcionalmente” várias pessoas, quase todas de Humanidades.

O que caracteriza as pessoas que funcionam e são valiosas? Eis uma lista um pouco espontânea que visa também constituir pontos de reflexão para os estudantes de Humanidades:

1. São pessoas que aprendem e gostam de aprender, sempre. Uma das principais linhas divisórias no mundo profissional é entre aqueles que estão sempre a investir no desenvolvimento das suas competências, e aqueles que tendem a fixar rotinas e resistem à mudança. Investir no desenvolvimento pessoal não é exactamente seguir todo o curso de formação que aparece no horizonte. Por vezes é apenas experimentar o novo programa de produtividade ou aprender novas maneiras de utilizar programas tradicionais. Não há nada mais perigoso do que fixar rotinas e métodos porque tiveram sucesso em alguns casos. Como diz o ditado: “quando a única ferramenta que se têm é um martelo, todos os problemas parecem um prego.”

2. São pessoas que comunicam bem. Isso significa que são capazes de expor uma ideia complicada de forma eficaz, quer escrevendo um texto, fazendo um conjunto de diapositivos ou uma apresentação oral. Hoje em dia têm de saber comunicar em mais que uma língua e serem eficazes na gestão de correio electrónico. Significa também que não vão ter um ataque de nervos se tiverem que falar para 100 pessoas numa língua que não é a sua.

3. São pessoas que interagem bem com outras pessoas em ambiente profissional, isto é, que não perdem facilmente a calma ou pessoalizam os inevitáveis conflitos ou percalços

do trabalho cooperativo. Isto normalmente significa que são pessoas que nunca perdem de vista os objectivos finais do que estão a fazer e numa situação de potencial conflito avaliam a situação em função do resultado a atingir e não do calor dos argumentos.

4. Raramente são especialistas, isto é, pessoas que sabem muito de pouca coisa. Normalmente são generalistas ou trans-disciplinares: pessoas que sabem um pouco de várias coisas ou que conjugam em si competências normalmente afastadas. Por exemplo: pessoas de sólida formação humanística e com bons conhecimentos de informática são extremamente úteis. Mais do que a especialização é a combinação de saberes que torna as pessoas valiosas porque essas combinações são raras na força de trabalho.

5. São sempre pessoas que têm uma certa facilidade em aceitar riscos, a quem se pode propor partir para um país distante para fazer um trabalho novo por um certo período de tempo, ou fazer uma tarefa muito mais complexa que a última mas mais bem recompensada. A aversão ao risco, ou a tendência a só tomar decisões quando a informação é completa é um enorme handicap nos dias que correm, porque o mundo é complexo de mais e muda demasiado depressa para se ter toda a informação necessária a decisões completamente seguras. Decidir com informação incompleta é uma necessidade incontornável mas há pessoas que vivem mal com isso.

6. São pessoas que sabem lidar com informação complexa e incompleta. Aqueles que dizem que gostam de trabalhar mas precisam de ter tudo muito bem explicado com prazos concretos são pessoas úteis, mas não muito úteis nos tempos que correm. Há pessoas que lidam melhor com a incerteza que outras e há aquelas que têm dificuldades quando as regras mudam a meio, ou a tarefa inicialmente definida é reformulada.

A complexidade e a incerteza na vida profissional de hoje são como um grande oceano à nossa volta: não podemos ter medo dele, sob risco de não sair da nossa ilha, mas temos que o respeitar e não subestimar, se lhes quisermos sobreviver.

Joaquim Carvalho, Universidade de Coimbra

IHTI Faculdade de Letras

Largo da Porta Férrea

3004-530 Coimbra

Portugal

Phone: +351 239 859900 (6)

Fax: +351 239 836733

Email: [joaquim@dei.uc.pt](mailto:joaquim@dei.uc.pt)

Webpage: <http://eden.dei.uc.pt/~joaquim/homepage>